

BOOK PROPOSAL

O Cortiço

Aluísio de Azevedo

A luta pela sobrevivência
e os conflitos em uma comunidade
no Rio Antigo

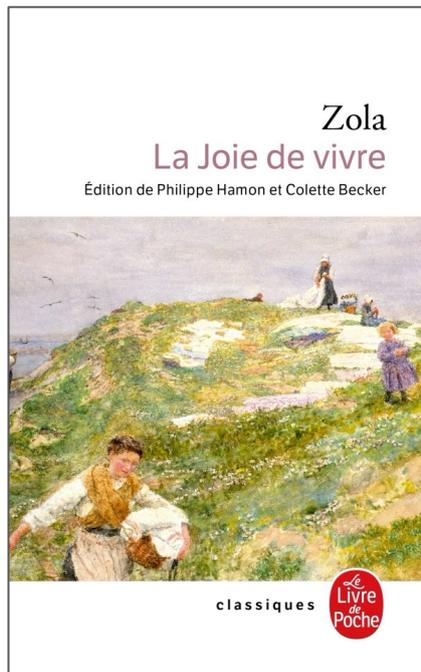
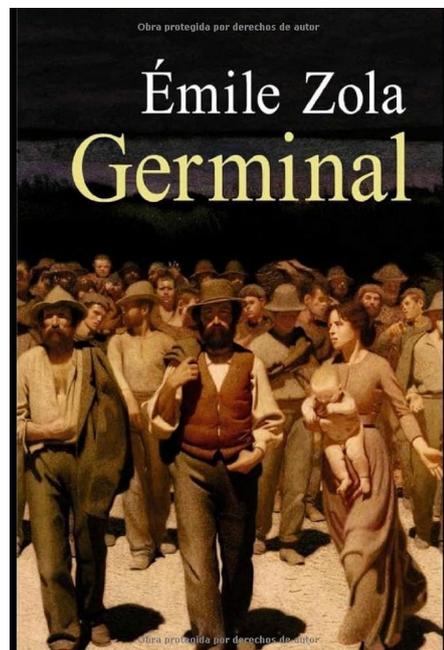


Sinopse

No Rio de Janeiro do século XIX, o ambicioso português João Romão constrói um cortiço, onde inquilinos de diversas origens culturais e sociais lutam para sobreviver. Entre eles estão Bertoleza, a escrava que o ajuda a construir seu império, e Rita Baiana, uma mulher sensual que desafia convenções. Enquanto a tensão entre classes e culturas cresce, Romão enfrenta desafios à medida que suas ambições colidem com a complexa dinâmica social do cortiço.

Com personagens vibrantes e uma trama envolvente, "O Cortiço" oferece uma crítica pungente às desigualdades sociais do Brasil colonial, retratando as lutas e esperanças de uma comunidade marginalizada. Aluísio Azevedo apresenta um vívido e realista retrato da sociedade brasileira, destacando questões de classe, raça e ambição.

Referências literárias



Sobre

Romance naturalista.

Narrado em terceira pessoa.

Palavras-chave

Crítica social

Escravidão

Desigualdade

Ambição

Naturalismo

Exploração

Público

- Intelectuais literatos
- Sociólogos
- Filósofos

Especificações

154.000 Caracteres com espaço

26 capítulos

Manuscrito finalizado

Aluísio Azevedo

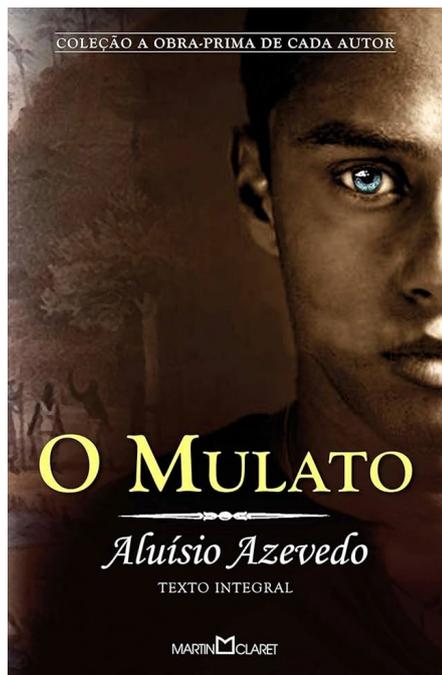
167 anos. Nascido em São Luís do Maranhão, reside no Rio de Janeiro

Romancista, contista, cronista e diplomata. Sua escrita é marcada pela crítica social incisiva e pelo retrato fiel das tensões sociais e culturais de sua época, abordando temas como desigualdade, preconceito e exploração, revelando o lado sombrio da sociedade brasileira do século XIX. Além de sua produção literária, Azevedo serviu como diplomata em vários países e foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

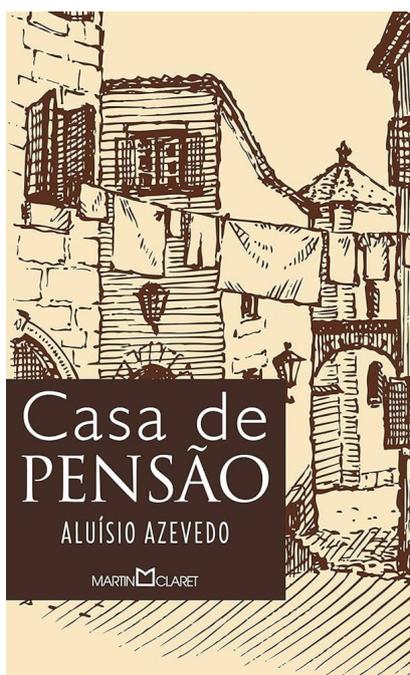
Contato

Rua do Resende, 180
Centro, Rio de Janeiro - RJ
alazevedo@gmail.com
@aluazevedo

Outras obras do autor

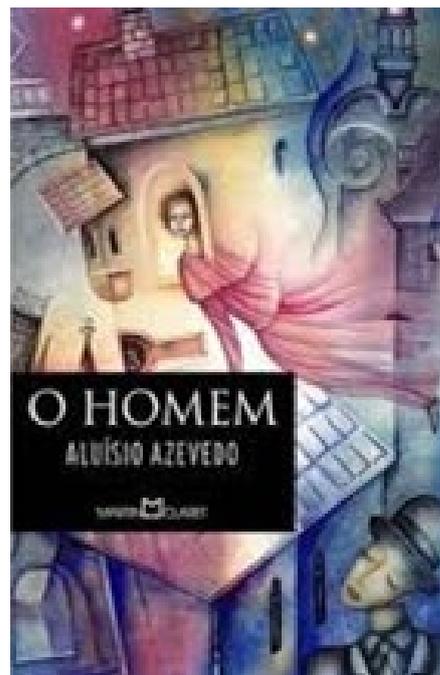


1881



1884

Vencedor do prêmio
Natural Brasil



1887

Sinopse detalhada

"O Cortiço" mergulha no complexo mundo de uma comunidade humilde e diversa, localizada nos arredores do Rio de Janeiro do século XIX. João Romão, um português ambicioso e sem escrúpulos, começa sua jornada como dono de uma pequena venda e, com a ajuda de Bertoleza, uma escrava que trabalha para ele, constrói lentamente um cortiço, onde diferentes personagens lutam para sobreviver.

O cortiço em si é um microcosmo das tensões sociais, culturais e econômicas que permeiam a sociedade da época. Dentro desse espaço, conhecemos personagens como Rita Baiana, uma mulher independente e sensual que desafia os costumes tradicionais, e Jerônimo, um trabalhador português que sucumbe ao fascínio de Rita e abandona os princípios morais que trouxe da sua terra natal. O envolvimento de Jerônimo com Rita Baiana desencadeia uma série de conflitos com sua própria esposa, Piedade, e outros moradores do cortiço.

Os conflitos entre os personagens refletem as tensões de classe, raça e nacionalidade que dividem a sociedade brasileira. João Romão, com sua incansável busca por riqueza, explora seus inquilinos para expandir seu império, ao mesmo tempo em que tenta ascender socialmente. Sua relação ambígua com Bertoleza, a quem ele ilude com a promessa de liberdade, reflete as profundas desigualdades e a exploração do período.

Aluísio Azevedo cria um retrato vívido e detalhado da vida no cortiço, onde os sonhos, ambições e vícios dos moradores entram em colisão. A narrativa revela, sem rodeios, a luta pela sobrevivência, o preconceito e a degradação moral presentes em uma sociedade marcada pela crescente industrialização e urbanização.

A trama culmina em um confronto dramático que expõe as hipocrisias sociais e as barreiras que impedem os moradores do cortiço de ascenderem. "O Cortiço" é uma obra que oferece uma crítica pungente à exploração e às desigualdades brasileiras que ressoam ainda hoje.



Análise de mercado

Público-Alvo

Este romance tem como público-alvo leitores **adultos** interessados em **ficção histórica** do século XIX, especialmente aqueles que apreciam narrativas que combinam **crítica social** com **personagens complexos**. É provável que o livro também seja atraente para interessados em histórias sobre desigualdade, urbanização e imigração, e do gênero naturalista (como *Germinal*, de Émile Zola).

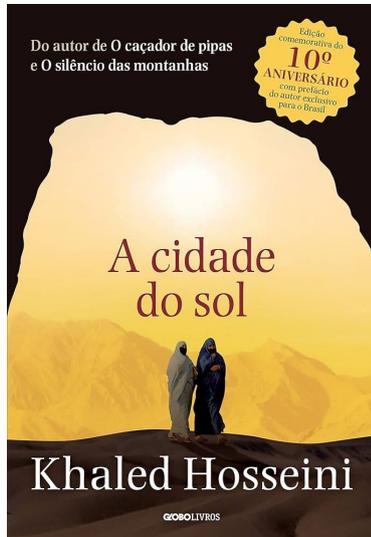
Lacunas do Mercado

O Cortiço preenche uma lacuna ao oferecer uma abordagem **naturalista para a ficção brasileira**, explorando as desigualdades sociais em um cortiço no século XIX. A narrativa também explora temas universais como **preconceito racial**, **exploração trabalhista** e **ambição** desmedida, ao mesmo tempo em que destaca as tensões entre diferentes **classes e culturas no Rio de Janeiro** do período.

Vendas e Tendências

Recentemente, romances que abordam crítica social e desigualdade tiveram um aumento de interesse entre leitores de ficção adulta. Obras como *O Conto da Aia* de Margaret Atwood alcançaram sucesso, indicando que há mercado crescente para histórias que exploram questões sociais, preconceito racial e corrupção moral. *O Cortiço*, com seu retrato cru das lutas de uma comunidade marginalizada e sua crítica incisiva, tem apelo duradouro entre leitores que procuram narrativas que desafiam a injustiça e expõem tensões sociais.

Comparativo de mercado

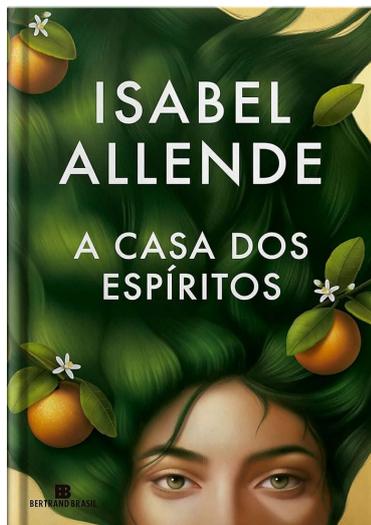


Cidade do Sol, de Khaled Hosseini

Público: leitores interessados em dramas sociais e histórias ambientadas em países estrangeiros.

Similaridades: ambos exploram questões sociais complexas e desigualdades que afetam as classes mais baixas, abordando temas como exploração e luta pela sobrevivência.

Diferenciais: *Cidade do Sol* foca nas experiências de duas mulheres no Afeganistão contemporâneo, enquanto *O Cortiço* tem uma abordagem mais ampla e focada no público brasileiro.

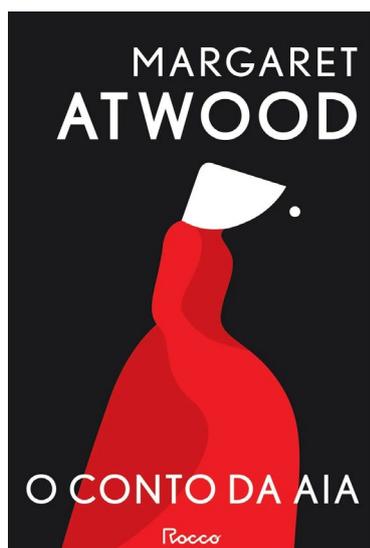


A Casa dos Espíritos, de Isabel Allende

Público-Alvo: leitores que apreciam sagas familiares e críticas sociais com elementos históricos.

Similaridades: ambos abordam desafios sociais e dinâmica de poder, explorando conflitos familiares e políticos em diferentes classes sociais.

Diferenciais: *A Casa dos Espíritos* incorpora elementos de realismo mágico e segue muitas gerações. *O Cortiço* mantém uma abordagem realista e se concentra em uma única geração.



O Conto da Aia, de Margaret Atwood

Público-Alvo: leitores interessados em distopias sociais e ficção política

Similaridades: ambos criticam as estruturas de poder e as desigualdades, expondo como as classes dominantes exploram as marginalizadas.

Diferenciais: *O Conto da Aia* é uma distopia futurista que explora a opressão das mulheres. *O Cortiço* oferece uma perspectiva histórica e realista sobre desigualdade e exploração no Brasil do século XIX.

Plano de Marketing

Plataformas digitais e redes sociais

Compartilharei conteúdo envolvente no Facebook, Instagram e TikTok, incluindo artes, citações inspiradoras e discussões ao vivo com outros autores e leitores. Posso 5 mil seguidores

Pretendo criar uma série de posts sobre a importância do combate à desigualdade e o uso da literatura e do realismo como arma contra sobre desigualdade e exploração, fornecendo contexto adicional para a narrativa. Esses posts serão compartilhados no meu blog e nas redes sociais, envolvendo leitores que gostam de aprender mais sobre o processo de escrita e os temas abordados.

Newsletter: Tenho uma lista de email com mais de 3000 assinantes, que será usada para enviar atualizações exclusivas, trechos do livro e informações sobre eventos futuros.

Engajamento público e parcerias com influenciadores

Influenciadores: como diplomata, tenho contato com influenciadores literários com um público interessado em crítica social para fornecer cópias do livro e convidá-los para criar conteúdo sobre a obra.

Pré-venda: organizarei campanhas com brindes e trechos de capítulos, incentivando leitores a reservar suas cópias antes do lançamento.

Parcerias e eventos

Livrarias e Clubes de Leitura: Já tenho parcerias prévias com livrarias na cidade do Rio de Janeiro, onde farei sessões de autógrafos e participarei de discussões com clubes de leitura interessados no livro. Vou fornecer guias de discussão para esses clubes, incentivando conversas sobre os temas do livro.

Podcasts e Vídeos: Planejo gravar episódios em podcasts populares e produzir vídeos para canais no YouTube que abordam injustiça social, Naturalismo e Literatura em geral. Isso ajudará a alcançar um público mais amplo e interessado.

Feiras e Conferências

Estou disponível para participar de feiras literárias, dando palestras e participando de painéis sobre a obra e assuntos correlatos a ela. Isso fornecerá visibilidade direta do livro e networking com profissionais da indústria.

Degustação

Capítulo I

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lhe, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amiga com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!” E segredou-lhe então o que já tinha junto para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão.

Quando deram fé estavam amigados.

Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza. Havia, além da cama, uma cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas, um oratório cheio de santos e forrado de papel de cor, um baú grande de couro cru tacheado, dois banquinhos de pau feitos de uma só peça e um formidável cabide de pregar na parede, com a sua competente cobertura de retalhos de chita.

O vendeiro nunca tivera tanta mobília.

– Agora,– disse ele à crioula, – as coisas vão correr melhor para você. Você vai ficar forra; eu entro com o que falta.

Nesses dias ele saiu muito à rua, e uma semana depois apareceu com uma folha de papel toda escrita, que leu em voz alta à companheira.

– Você agora não tem mais senhor! – declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas agradecidas. – Agora está livre! Doravante o que você fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver. Acabou-se o cativo de pagar os vinte mil-réis à peste do cego!

– Coitado! A gente se queixa é da sorte! Ele, como meu senhor, exigia o jornal, exigia o que era seu!

– Seu ou não seu, acabou-se! E vida nova!

Contra todo o costume, abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dois beberam-na em honra ao grande acontecimento. Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de pespegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa, porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato; o que lhe constou, sim, foi que a sua escrava lhe havia fugido para a Bahia depois da morte do amigo.

- O cego que venha buscá-la aqui, se for capaz!... – desafiou o vendeiro de si para si. – Ele que caia nessa e verá se tem ou não pra peras!